

CRUCIFICAÇÃO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA, FÍLMICA E TEOLÓGICA

Miriam Zanutti 1

Resumo

A crucificação é um dos temas mais emblemáticos do cristianismo. Continua sendo pesquisa de muitos estudiosos sobre o Jesus histórico entre historiadores e teólogos. A história da crucificação possui as particularidades da metodologia da história, bem como a teologia possui seus métodos. As obras fílmicas sobre Jesus têm um pouco mais de cem anos, promovendo as várias faces de Jesus e seu tempo: o judeu de Nazaré, as dores da Paixão, a violência medieval, o filho de Maria, a visão católica, a protestante, entre outros. Pensando nos campos histórico, fílmico e teológico, pretende-se analisar a crucificação apresentada nestes três eixos levando à compreensão de que cabe à teologia trazer ao interlocutor o significado da morte de Cristo e sua dimensão nas raízes do querigma missiológico. É a partir da crucificação que se entenderá a eucaristia, que tem na ressurreição o ápice do memorial.

Palavras-Chave: Crucificação; Análise Histórica; Querigma missiológico

Abstract

The crucifixion is one of the most emblematic themes of Christianity. It continues to be the subject of research by many scholars on the historical Jesus, including historians and theologians. The history of the crucifixion has its own particularities in the methodology of history, just as theology has its own methods. Films about Jesus have been around for a little over a hundred years, promoting the various faces of Jesus and his time: the Jew from Nazareth, the pains of the Passion, medieval violence, the son of Mary, the Catholic vision, the Protestant vision, among others.

¹ Doutoranda em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Doutorado iniciado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em História Social iniciada em 2022 e transferência para FAJE. Pesquisa em curso sobre a trajetória de João Fernandes Clapp no movimento abolicionista no Rio de Janeiro do século XIX e na releitura teológica cristã contra a escravidão. Mestre em História pela Universidade Salgado de Oliveira (2021). Mestrado em Missiologia pelo Centro Evangélico de Missões (2004). Pós-graduação em Teologia pelo Seminário Teológico Peniel (1996). Licenciatura em História iniciada na Universidade Gama Filho e com término na Universidade de Uberaba (2014). Especialização em Africanidades (2017). Pesquisadora de comunidades tradicionais quilombolas nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Pesquisa em História do Brasil Imperial, com ênfase no movimento abolicionista e quilombos; islamismo no Brasil, dos escravos malês até a imigração síria e libanesa nos séculos XIX e XX; cristianismo protestante no século XIX no Brasil.

Considering the historical, filmic and theological fields, the aim is to analyze the crucifixion presented in these three axes, leading to the understanding that it is up to theology to bring to the interlocutor the meaning of Christ's death and its dimension in the roots of the missiological kerygma. It is from the crucifixion that we will understand the Eucharist, which has the resurrection as the apex of the memorial.

Keywords: Crucifixion; Historical analysis; Missiological; Kerygma.

Introdução

A crucificação de Jesus é raramente desconhecida entre as gerações mais distintas e povos mais distantes. Sob vários campos da mensagem da cruz, alguns conseguiram através da arte, história e textos sagrados, trazer o evento da Paixão de Cristo em reflexões distintas, sendo alguns pontos convergentes e outros divergentes. É da crucificação e ressurreição que o memorial eucarístico é compreendido. Para não se perder a essência deste sacramento, entender a crucificação é parte fundamental da resposta para o cumprimento sacramental. É a teologia cristã do Cristo crucificado, a cristologia da cruz, a mais bem alinhada com os eventos históricos e explicações teológicas. Para quem se debruça na pesquisa da expansão do cristianismo, é de suma importância catalisar os propósitos de Deus na crucificação de Jesus e o evento histórico que reforçou esse momento.

A proposta deste artigo é analisar os três eixos de abordagem da crucificação, o momento da Paixão de Cristo, quando Jesus passa a carregar a cruz em seus ombros até a sua morte no Gólgota. O primeiro estudo é a história, o processo da crucificação passa pela condição política e social da época, não existiria um modelo de pena de morte da cruz nos dias atuais sob o comando de um império; não porque o humano

se tornou menos grotesco e menos ávido às rinhadas entre pessoas, e sim pelo método de pena de morte ter outros contornos.[2] O estudo sobre a história da crucificação tem apontado às pesquisas do Jesus histórico retomadas nos anos de 1950 pelo teólogo luterano alemão Ernst Käsemann, o que aumentou o interesse de conhecer mais o homem de Nazaré. Teólogos e historiadores recentes como David Allen e André Chevitarese trabalham a questão histórica da crucificação de Jesus.

Alinhado ao segundo campo, mas com dimensões próprias, a cinematografia explorou a vida de Jesus filmando sua paixão com propriedades históricas utilizando a sétima arte. O cinema aproximou Cristo de um público amplo sendo o personagem religioso mais explorado em obras fílmicas. Mas quais suas vantagens e desvantagens para teologia? O filme não exerce o papel de explicações teológicas profundas que dependem da leitura do texto bíblico para maior compreensão e dimensão da cristologia da cruz. Entretanto, consegue tornar Cristo conhecido da plateia diversa capaz de instigar desejos de conhecer mais profundamente quem é Jesus e seu exemplo de vida e capaz de tornar também compreensível a santa ceia, mas não esgotar o conhecimento a respeito.

Entre mais de vinte filmes existentes, o artigo se detém em analisar *O Rei dos Reis* de 1927, do cineasta americano Cecil Blount DeMille; *Jesus de Nazaré* de 1977, do cineasta italiano Gianfranco Corsi Zeffirelli e *Paixão de Cristo* de 2004, do ator e cineasta americano Mel Gibson. Sabendo que a filmografia sobre Jesus não se finda, a pretensão é tratar os filmes citados por suas produções e objetivos distintos.

O terceiro e último eixo a ser tratado, a teologia do Cristo crucificado, tem por finalidade distinguir dos outros anteriores através da análise do teólogo luterano, Jürgen Moltmann em seu livro *O Deus Crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*.

² Nos tempos atuais, países de jurisprudência islâmica, efetuam pena de morte com base na sharia, utilizando métodos medievais como cortar a cabeça, mão ou quantidade de açoites conforme o crime cometido.

É possível perceber conexões entre os dois eixos merecendo análises comparadas com a teologia, de onde se tem a explicação do Jesus de Nazaré ter sofrido a penalização na cruz. Os autores investigados para a análise teológica construíram suas explicações do Cristo crucificado perpassando pelo exame histórico, em comparação ao sofrimento humano e as demais teologias advindas do Cristo na cruz.

O objetivo do artigo não é explanar um dos quatro evangelhos, mas comentar sobre a crucificação sob o aspecto teológico dos autores acima citados. Nos quatro evangelhos há dissimilaridades entre eles, mas não aplica divergência tal que se torna uma lenda: "... o que os evangelistas planejaram e transmitiram por meio de seus escritos não é mistério ininteligível. A maior parte de suas palavras e sentenças faz sentido e a história não é complicada" (BROWN, 2011, p.40). A fé cristã emana seu ápice na ressurreição de Cristo que passa pela morte no calvário pendurado numa cruz. Sem a morte não haveria ressurreição e não compreenderia a dimensão divina sob o aspecto humano do filho de José e Maria.

Entre as três pessoas da trindade, é o Filho, o verbo que se fez carne, que aceitou humildemente a condenação da cruz. A crucificação de Jesus foi um ato de amor, o que parece contraditório, mas é alcançado quando a teologia está presente e expõe a natureza divina e não desalinha com a história, pois é factual.

A cristologia fílmica não contrapõe à teologia, mas é limitada pela produção de sua época e por sua narrativa em curto tempo de apresentação, se detendo a algumas horas de filme. As particularidades de um filme não podem servir de construção terminada e definida sobre Jesus, todavia, ajuda a multiplicar a mensagem em diversos contextos culturais. A teologia tem o papel de sedimentar para que e por quem Cristo morreu, dando significado ao Jesus divino, o escolhido para a missão salvífica da humanidade.

1. Crucificação Histórica

O Jesus homem é estudado na história, sem comprometimentos se confirmam ou não a proposta teológica da obra salvífica, mas seu papel é não é refutá-la. A história tem os métodos científicos de explicar a existência do filho de José e Maria, através de fontes que corroborem com a pesquisa.

Os métodos mais eficazes da pesquisa histórica passam pelas seguintes construções: em um primeiro momento a separação e análise desconectada do contexto histórico e dos textos dos evangelhos, pois estes não são textos históricos e sim religiosos, um não pode exercer influência sobre o outro; o estudo do contexto com método tripartido entre antropologia, história e arqueologia; por último os textos dos evangelhos.

Partindo do princípio analítico da história, verifica-se a crucificação como um fato de punição existente na época de Jesus. Para o teólogo Bernard Sesboué o cristianismo é histórico: “A referência a vinda de Jesus Cristo faz nos sair de um mito geral, porque este acontecimento é um fato histórico datado na história” (SESBOUÉ, 1999, p.22). Jesus de Nazaré não é assunto novo em pesquisa histórica, mas com novos surgimentos de fontes e mais interesse sobre o tema, historiadores e teólogos procuram esclarecer e entender os métodos de pesquisa que cada área se propõe. Entre os teólogos, um dos primeiros pesquisadores a refletir sobre o Jesus histórico foi o alemão Hermann Samuel Reimarus (1694-1768). Em seu entendimento deve-se afastar de um Jesus religioso, o Cristo da Fé, para o libertador político da linha messiânica davídica.

O segundo autor na busca do Jesus histórico é Albert Schweitzer (1875-1965), teólogo luterano, médico e missionário, afirmou que o Jesus multifacetado como sábio, modelo de ser humano, mestre racional “o Jesus de Nazaré da teologia liberal”, nunca existiu. Para Schweitzer seria um Jesus concebido pelo racionalismo, vestido de uma teologia com aparência histórica.

Tais afirmações fizeram com que pesquisas sobre o Jesus histórico perdesse o interesse por aproximadamente cinquenta anos, tanto para teólogos como historiadores.

O terceiro, Rudolf Bultmann (1884-1976) teólogo luterano alemão, assim como Schweitzer, acreditava que as fontes sobre Jesus são de cunho teológico e não para estudo do Jesus histórico, em que não deve figurar apenas o homem do passado, mas o Cristo presente e ressurreto. O quarto teólogo a pensar no Jesus histórico é Ernst Käsemann (1906-1998), discípulo de Bultmann, que em 1953 através do seu escrito *Os Velhos Marburgenses*, propôs a retomada dos estudos sobre o Jesus histórico, entendendo que a abordagem é sobre o mesmo personagem, o histórico e o Cristo da Fé, que se interligam, se não, a fé cristã não poderia se sustentar. Assim a retomada sobre os estudos do Jesus histórico tomou fôlego cooperando com pesquisas apuradas sem precisar contestar o Filho de Deus, o salvador.

Para entender Jesus e sua crucificação é preciso entender as procedências da sentença por morte de cruz. Sob uma condenação de crimes como: incitação à rebelião, traição de segredos, assassinato, magia, entre outros, a crucificação servia como penalidade máxima aplicada aos criminosos entre culturas persa, judaica, grega e cartaginesa (CHEVITARESE, 2023, p.139). A sentença física incluía o apagamento do indivíduo, era lançado ao esquecimento, alguém sem valor, destinado à sua ignomínia. Tal condição também se relacionava as poucas vestes, quase nu, na cruz, tornando claro que o punido receberia todo o tipo de desprezo e o desfecho final da sua morte era não ter sepultura, sendo retirado da cruz para ser comido por aves de rapina e seus ossos lançados em vala comum. Ou seja, o criminoso deixa de ser alguém com alma sem qualquer dignidade em que a punição da crucificação é seu total aniquilamento, um quase ser que nunca existiu. Mesmo com tal anulação, a sentença era considerada justa. Algo de relevante na questão social, é que raramente um cidadão de posses era condenado à crucificação; era destino das classes mais baixas.

Entre crucificação de anônimos, Jesus de Nazaré tornou-se o mais pesquisado entre os historiadores, pois sua identidade não é de um homem comum, é revelada, portanto, não é apagada como os demais. Sendo a crucificação uma forma de anulação, ao pesquisar o Jesus histórico, o estudo sobre a crucificação passou a ter maiores contornos e saber quem é aquele de quem os evangelhos mencionam.

Um dado significativo é que a condenação na cruz não tinha julgamento e com Jesus aconteceu o mesmo. Porém, a condenação passou pelo repúdio que muitos tiveram por suas práticas religiosas, atos taumatúrgicos no dia de sábado, por se dizer filho de Deus, perdoar pecados e destruição do templo em três dias. Os dados históricos estão nos evangelhos, mas a narrativa contida tem cunho teológico, o que se tenta explicar historicamente é o tipo de condenação da época do Império Romano, no qual Jesus de Nazaré sofreu o castigo. O estudo da crucificação pode ser histórica e chegar a teológica; não supõe a divergência entre ambos os tipos de pesquisa, uma sedimenta a outra. Estuda-se o Filho de Deus crucificado dentro de um tempo histórico em que havia a punição, e não uma exclusividade aplicada apenas à Jesus. Sendo assim, condenado sem julgamento, com poucas vestes, pendurado até completar a morte na cruz, em lugar alto, foi o destino de muitos penalizados.

A crucificação de Jesus, tem um elemento particular, seu corpo foi solicitado por José de Arimateia para colocar em tumba própria, pois os crucificados não tinham direito a uma sepultura. André Chevitarese em seu artigo “Crucificação no Império Romano e a morte de Jesus: um ensaio” sobre a crucificação de Jesus, menciona a documentação produzida por Flávio Josefo (Autobiografia 420-421) ao retornar da batalha e avistar entre os prisioneiros três de seus conhecidos, solicitou ao futuro imperador Tito que os livrassem da crucificação: “Josefo sabia bem quem era poderoso na sociedade imperial romana; ele sabia exatamente a quem procurar quando precisasse de ajuda, fosse para si ou para algum dos seus amigos: Tito, o filho do imperador Vespasiano e futuro imperador de Roma.” (2023, p.45).

José de Arimateia de forma semelhante a Josefo, poderia requerer o corpo de um conhecido, como narra o texto de Marcos 15:42-45:

E, já chegada a tarde, sendo dia de Preparação, isto é, a véspera de sábado, veio, José de Arimateia, ilustre membro do Conselho, que também esperava o Reino de Deus. E ousando entrar onde estava Pilatos, pediu-lhe o corpo de Jesus. Pilatos ficou admirado de que Ele já estivesse morto, e, chamando o centurião, perguntou-lhe se fazia muito tempo que morrera. Informado pelo centurião, cedeu o cadáver a José.

A particularidade deste momento, tem na cadência histórica o que a teologia vai explicar com o momento central depois da morte de Jesus, a ressurreição. Se Jesus sofresse a mesma sina que qualquer crucificado em ter o seu corpo exposto para comida de animais e ossos jogados em vala comum, a ressurreição teria implicações mais difíceis tanto na história como na teologia. A crucificação de Jesus seguiu dentro do esquema histórico da época, até mesmo ser sepultado em tumba emprestada requerida por um homem de influência.

2. Crucificação no Cinema

As obras fílmicas sobre Jesus datam desde 1896 e passaram por diversas mudanças na introdução de detalhes mais violentos da crucificação. A escolha tratada neste artigo pretende trabalhar três filmes e como a temática da crucificação foi elaborada. Dos filmes sobre personagens religiosos, a história de Jesus é a que exerce maior fascínio na produção para as telas do cinema. A sétima arte consegue penetrar em diversos públicos em todo mundo. À medida que as produções fílmicas foram sofisticadas, os cineastas passaram a ter mais interesse em produzi-las com efeitos visuais a fim de prender a atenção do espectador.

Hollywood conseguiu um grande feito no século vinte, produzir milhares de filmes e vender para cinemas de todas as partes do mundo. Entretanto, no início as filmagens passaram por rigorosas leis em alguns países. Em 1912 fez surgir na Grã-Bretanha a British Board of Films Censors, com objetivo de proibir a entrada de filmes com excesso de exposições de crueldade e nudez. Alguns itens, entre os quarenta e três da lei, proibiam: tratamento irreverente de assuntos religiosos; exibição de sangramentos em profusão; cenas de mortes cruéis e estrangulamentos e materialização da figura convencional de Cristo.

Como a Inglaterra era um grande mercado para os Estados Unidos, muitos filmes eram obrigados a mudar as cenas e sobre Jesus no momento da crucificação não podiam apresentar violência extrema (VICO, 2009, p.115). Se os filmes sobre Jesus passavam por censura, como assegurar a veracidade das cenas que só podiam se basear nas Escrituras ou algum texto histórico? Se a produção cinematográfica omite cenas que possa refletir de forma mais segura o que de fato Jesus viveu, considera-se que a arte, apesar de sua capacidade de atingir um enorme público e transmitir o gosto pela vida de Jesus, não assegura o propósito teológico ou mesmo se os fatos são fidedignos. Todavia, aproxima o espectador de Jesus, principalmente nas cenas da crucificação, em que é possível sentir a dor e angústia nos quais Jesus vivenciou. A arte da interpretação consegue tocar em quem assiste, desencadeando sorrisos ou lágrimas.

O filme Rei dos Reis de Cecil Blount DeMille de 1927, foi o mais importante e conhecido sobre Jesus no período do cinema mudo, com duração de duas horas e trinta e sete minutos. As cenas da crucificação não mostram tanta violência, mas deixa exposto o sofrimento de Jesus.

Cenas que se destacam na crucificação: a multidão gritando crucifica-o; enquanto carregava a cruz uma mãe traz seu filho e Jesus abençoa a criança; as cenas são indicadas por trechos bíblicos; o formato da cruz de Jesus e dos dois ladrões crucificados ao seu lado são diferentes; a mãe de um dos ladrões surge em prantos ao ver o filho na cruz e quando Jesus expira há um forte terremoto. Respeitando as proibições da época, a violência contra Jesus não é tão exposta e o filme em preto e branco traz menos terror aos espectadores. [3] Contudo, o terremoto é a cena mais chocante de todo filme.

O filme Jesus de Nazaré de 1977, de Franco Zeffirelli, colorido e o mais longo, aproximadamente cinco horas de duração, se tornou um dos mais assistidos até então. Cenas importantes da crucificação são: a cruz carregada por Jesus é presa nos braços; a multidão a favor e contra Jesus; os dois ladrões ao seu lado; Maria, sua mãe, chora intensamente aos pés de Jesus; Isaías 53 é narrado por Nicodemus; debaixo de chuva intensa, o corpo de Jesus é retirado da cruz e levado pela família. As cenas são comoventes e os espectadores se sentem mais próximos da realidade do sofrimento de Cristo. O cineasta soube explorar esta identificação com o público gerando comoção. As leis proibitivas de 1912 da Grã-Bretanha contra cenas de extrema violência não são mais aplicadas, então, o castigo de Jesus é exposto, principalmente, no aspecto do físico abatido e com marcas das chicotadas.

O terceiro filme é Paixão de Cristo de 2004 do ator e diretor Mel Gibson. Diferente dos outros dois filmes, este explora a violência mais brutal da crucificação. Movido pelo cinema da época de cenas fortes e inúmeros filmes de violência, jamais teria sido filmado no período da proibição da materialização convencional de Cristo.

³ A cena da ressurreição é a única parte do filme colorida.

Entre as cenas em que Cristo sofre fisicamente estão: as muitas chicotadas dilacerando suas costas; carrega a cruz em seu ombro; rosto desfigurado com olhos inchados; corpo ensanguentado; Jesus com aparência de profundo esgotamento; ele cai seis vezes e quando é colocado na cruz há um desequilíbrio e ele pendurado, cai a cinco centímetros do chão. A cena é impactante e para quem assiste se sente extenuado emocionalmente de tanta violência sofrida por Jesus.

As obras filmicas acima citadas conseguiram atrair um grande público para o cinema e provocar compaixão, tristeza e misericórdia por Jesus. Os filmes ultrapassaram a grande tela e chegaram as tv's, streaming e plataformas de vídeos como o youtube, portanto, alcançam um grande público. Através da filmografia sobre o homem Jesus, o espectador pode se sentir próximo a ele, efetivando ou não em se tornar cristão. Caso opte por renovar sua vida cristã, seus atos terão mais significados e se permitirá reforçar a forma mística da fé. Como resultado, o senso de sagrado pode levar a preponderância sacramental da santa ceia, ao invés de se perder nos embalos da vida secular e de constantes provocações das incertezas humanas de seu tempo. Todavia, o propósito dos filmes em ensinar o real significado da vida de Cristo, sua morte e ressurreição se mostra bastante limitado, não conseguindo alcançar o objetivo teológico da crucificação. Estão disponíveis para qualquer público, mas se depender do cinema para levar à compreensão do Filho de Deus revelado em sua dor pelos pecados da humanidade, não conseguem cumprir cabalmente este papel. Os filmes não ensinam teologia e não explicam a dimensão religiosa do fundador da Igreja.

Pretende-se com isso explicar que o papel da teologia através do ensino é o que de fato faz Jesus permanecer no cenário de todas as épocas e compreendido em sua essência, objetivando o ser humano entender a razão pela qual Cristo morreu pelos pecados.

A cinematografia passou por questões proibitivas, usou novas tecnologias e experimentou a potencialidade do entretenimento. Se tratando da pessoa de Jesus Cristo com sua história, humanidade e divindade, as cenas imagéticas foram aperfeiçoadas; a crucificação não depende se a imagem é preta e branca ou colorida, com muita ou pouca violência, o fato aconteceu e aponta para a redenção dos pecados: “Mas Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando éramos ainda pecadores (Rm 5:8).” Com isso, as obras fílmicas ajudam a encenar o que está escrito, mas não explica a Paixão de Cristo teologicamente.

3.A teologia da crucificação

O tema teológico crucificação ainda merece espaço de discussão e novas abordagens, por ser o elemento rico do cristianismo culminando na ressurreição de Jesus. Para uma análise comparada sobre o assunto, alguns teólogos dedicaram suas pesquisas exegéticas e análise dos quatro Evangelhos com suas especificidades e a opção para este artigo é o estudo pastoral, primando pelo teólogo luterano alemão Jürgen Moltmann.

O teólogo Jürgen Moltmann foi prisioneiro na II Guerra Mundial, o que levou a repensar e escrever sobre o sentido do Cristo crucificado para quem viveu os horrores da guerra. Através de seu livro *O Deus Crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*, Jürgen apresenta o pano de fundo histórico e como abrange a teologia da cruz. Na abordagem sobre o Jesus histórico, o teólogo explica que os dilemas do iluminismo sagrando a jesulogia ao teor histórico, provocou na teologia o ceticismo à importância de se estudar a história de Jesus. Se a teologia se preocupar apenas com o Jesus ressurreto, pode cair na rede de um ser mitológico. Jesus homem foi alguém do seu tempo, com trajetória constituída, ou seja, é um ser histórico. Mas como Moltmann define, um não anula o outro, podem dialogar, e uma das diferenças que as cercam são os métodos científicos para cada pesquisa; a da histórica foi apresentada no item anterior.

Como sua abordagem primou pelo teológico, ele traz o seguinte esclarecimento:

A compreensão da morte de Jesus à luz da sua vida parece ser apenas uma tarefa histórica. A interpretação da fé cristã pascal parece ser uma mera tarefa teológica. Nós, ao contrário, vamos tentar lidar com a tarefa histórica da apresentação da morte de Jesus no contexto de sua vida como tarefa teológica, pois sua vida, proclamação e atuação, assim como sua morte, foram determinadas teologicamente em seu próprio sentido” (2011, pp;146147)

O teólogo afirma que a morte de Cristo não é apenas cumprir com o que está escrito no Antigo Testamento, ele morreu por desafiar poderes expondo à luz discrepâncias da religiosidade comparada à proposta sublime de Deus, entregar seu Filho por amor a nós. Cristo morreu por enfrentar a sociedade da época; não se atrelar com os poderosos, [3] pois era *persona non grata* para políticos romanos e religiosos judeus; por aborrecer o mundo tenebroso e andar com a plebe. Entender a crucificação é saber que este evento é o critério inerente à igreja e a teologia, ou seja, o Cristo crucificado é nosso alicerce. Hoje presencia-se em alguns atos litúrgicos o costume de não colocar a cruz no centro da fé cristã e da teologia, contudo, para compreender o crucificado à luz e contexto da sua ressurreição, não se pode desviar deste fato e torná-lo pesado demais à comunidade cristã. Sem o Cristo crucificado não existe o ressurreto e não haveria motivo para celebrar o sacramento eucarístico.

Deve-se atentar, por mais que sua morte fosse histórica, Jesus, o servo sofredor narrado em Isaías 53, cumpriu o plano de Deus em redimir o pecador. Deus não interferiu no demasiado absurdo de condenados serem crucificados e por conseguinte, seu Filho; seu plano considerou a morte causada pelo contexto da época. Apesar da forma política de condenação romana, Jesus entregou sua vida: “Por isso o Pai me ama, porque dou minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou livremente” (Jo 10: 17 e 18a).

43

³ Conforme a narrativa bíblica quando Jesus nasceu, o rei Herodes, o Grande, solicitou que os três magos depois de visitarem Jesus passassem para avisá-lo, mas eles preferiram retornar por outro caminho. Então, Herodes determinou o massacre de meninos até dois anos de idade, temendo que entre eles estivesse o adversário para ocupar sua posição no Império Romano. (Mateus 2:1-16).

O plano divino está ali, na dor, no sofrimento, na morte sem culpa, em que Deus está presente trazendo sentido escatológico, mas que precisou de uma época para acontecer. Assim como Moltmann, Leonardo Boff concorda que Cristo padeceu sob a violência em não se atrelar com a sociedade de sua época. No gênero literário a crucificação é o relato, a narrativa do fato que se situa dentro da estrutura hermenêutica.

Jesus não provocou sua morte intencionalmente, não forçou uma construção teológica para fins próprios nos obrigando a descrevê-la, “Mas como todo homem justo, estava pronto para sacrificar sua vida, caso fosse necessário, para testemunhar sua verdade” (BOFF, 1977, p.83). Quando pôde se esquivar dos perseguidores, ele o fez, como descrito em Lucas 4:30; João 8:59 e 10:39, momentos em que Jesus escapa de ser apedrejado e jogado do alto de uma colina. No jardim do Getsêmani é o momento da entrega, não escapa, não foge, não enfrenta os soldados, simplesmente deixa que o levem. O testemunho de tudo que fez e ensinou se tornou a prova final na crucificação e após ela a glória da ressurreição. A ressurreição tornou a morte de Cristo pela crucificação mais compreensível, pois reside neste fato o verdadeiro messias. Jesus ser o Cristo, o ungido de Deus, não foi apenas um plano de cumprimento profético, mas escatológico e salvífico.

A morte ainda é um mistério e não desejado por ninguém, mesmo sabendo que ela faz parte da realidade humana. Jesus em profunda angústia enquanto estava em oração no Getsêmani, sabia o que lhe aguardava e desejou não viver aquele momento compartilhando com seus discípulos dizendo: “... ‘Minha alma está triste até a morte. Permaneci aqui e vigiai comigo’. E, indo um pouco adiante, prostrou-se com o rosto em terra e orou: ‘Meu Pai, se é possível, que passe de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres’” (Mt 26:38-39). Jesus não fugiu, aceitou o que viria sabendo que era chegada sua hora de morrer.

Não provocou entre seus discípulos um motim para escapar à sentença injusta, simplesmente se entregou. Naturalmente o medo da morte é suficiente para tentar escapar, mas não o fez; a vitória maior viria após ela. Na carta do apóstolo Paulo aos Filipenses no capítulo 2 versos 6-11, ele descreve a teologia da cruz como dor e vitória:

Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o sobre exaltou grandemente e o agraciou com o Nome que é sobre todo o nome, para que, ao nome de Jesus, se dobre todo joelho dos seres celestes, dos terrestres e dos que vivem sob a terra, e para glória de Deus, o Pai, toda língua confesse: Jesus é o Senhor.

A história da crucificação é uma realidade em que Jesus é condenado por blasfêmia, ligada ao fato de não se adequar ao poder romano e a religiosidade judaica. Jesus de Nazaré, filho de José e Maria, é condenado como homem, mas ainda não compreendido como Emanuel, Deus Conosco, revelado somente na ressurreição. A cruz é tema central da fé cristã e por isso a teologia que a compreende não pode ser subestimada. A vida de Jesus leva-o a morte e o pecado da humanidade também. O plano de Deus é executado no pleroma dentro de um contexto em que cumpre o seu querer e Jesus é o salvador.

Considerações Finais

A crucificação é o momento fundamental da fé cristã, pois da morte de Cristo veio a ressurreição. Seja qual for a tentativa de explicá-la, por mais bem intencionada da parte do interlocutor, não consegue exprimir a razão teológica da vinda de Cristo e porque a sua morte tem o significado de resgatar o homem do seu pecado.

A história tem o papel de confirmar a existência de Jesus, mas não pode confirmar milagres e um corpo ressurreto depois de três dias, pois as fontes históricas não comportam tão comprovação. Também não pode provar que a mulher do fluxo de sangue tocou em Jesus e foi curada, ou o cego Bartimeu teve sua visão restituída, ou Lázaro se levantou da tumba depois de quatro dias. A história chega até um ponto, mas não é sua função tocar no transcendente, seu papel se cumpre como ciência humana. A história confirma a pena por crucificação no Império Romano, sendo assim, não é invenção Jesus ter se declarado profeta e perdoador de pecados, entendido como crime aos olhos dos doutores da lei. A crucificação seria a sua punição. A ciência histórica cumpre seu papel de afirmar a existência da crucificação, mas não a sua teologia.

Entre todas as artes que servem como entretenimento, mas possuem a lógica de alertar, despertar, tratar assuntos históricos, o cinema é um dos mais apreciados. Centenas de obras literárias foram levadas para tela, mas nunca conseguiram reproduzir a completude de um livro. Os filmes também são limitados por suas produções exageradas ou de receberem pouco patrocínio; de leis que impedem filmagens a serem apresentadas em países de perseguição religiosa aos cristãos e dos cineastas acrescentarem compostos ideológicos, culturais e sociais retratando as cenas com suas percepções artísticas.

O cinema é atraente e de alguma forma traz as narrativas de uma linguagem de difícil compreensão para um grande público e a torna inteligível. Ao tratar da crucificação o objetivo é mostrar as possibilidades deste evento de várias maneiras, provocando nos espectadores o confronto de seu distanciamento de Deus ou gerar interesse em se tornar cristão. Porém, deixará esse indivíduo incompleto, se este não buscar o real significado da cruz. É um recurso evangelístico e missionário, mas precisa de alguém que explique as entrelinhas, discipule os ouvintes e os faça conhecer de perto o Cristo crucificado.

Muitas vezes é o cinema que se aproxima mais das pessoas, e com as novas plataformas de streaming, faz chegar a milhares delas. No entanto, o cinema não vai explicar o que cabe a teologia. O papel teológico, não apenas de grandes teólogos falando entre seus pares, é tornar acessível o momento e o significado da crucificação. Num mundo de mudanças aceleradas, o teológico pode sofrer abstrações, como pautou o teólogo Benedito Ferraro sobre a sociedade atual, que disputa com as novidades tecnológicas e mágica do entretenimento, podendo diluir temas cruciais da teologia. Cristãos evangélicos brasileiros, no que diz respeito aos sacramentos e histórias bíblicas, têm se pautado em novelas e séries, construindo assim seus saberes teológicos. Em muitas comunidades evangélicas, a crucificação não é mais tema central das pregações dominicais e o sacramento da santa ceia é de acordo com interpretação de seus líderes, causando desníveis de um entendimento mínimo sobre o Jesus crucificado. Como resultado, teologismos não bíblicos são cada vez mais presentes.

A teologia da crucificação é por obrigação o ensino, abstração e explicação sólidos do sofrimento de Jesus no calvário até seu auge com a ressurreição. Na teologia o indivíduo que busca razão pela sua existência encontra no significado da morte de Jesus que a vida não acaba ali; a ressurreição é a vitória sobre a morte. A teologia expõe detalhes da razão do Cristo crucificado e conduz o ouvinte a tomar uma decisão de viver com Cristo, e principalmente, crer que ele é o remidor dos pecados, que além de ter sofrido dentro de contexto político e social de seu tempo na Palestina, não é apenas um cumprimento histórico, factual, é o Filho de Deus que tira o pecado do mundo; o escolhido do Pai para nossa salvação. Jesus é o único fundador de religião que morre por amor a todos e pede perdão a Deus pelos seus algozes, pois eles não sabiam o que estavam fazendo; é o ápice do seu messianismo (Lc 23:34).

Existe convergências entre a história, cinematografia e teologia. As três exercem funções de retratar a existência e história de Jesus. A divergência se aplica na limitação em explicar o tempo do pleroma, da vinda de Jesus ter aparecido exatamente naquela época romana e não se deter em apenas uma arte ou fontes históricas documentais. Explicar a crucificação é por excelência mostrar o Cristo vivo, e para sempre.

Referências

ALLEN, David. **A Expição**: um estudo bíblico-teológico e histórico da cruz de Cristo. Natal-RN: Carisma, 2020.

ALLEN, David. **Por Quem Cristo Morreu?**: uma análise crítica sobre a extensão da expiação. Natal-RN: Carisma, 2019.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Ed. Paulinas, 1996.

BOFF, Leonardo. **Paixão de Cristo, Paixão do Mundo**: o fato, as interpretações e o significado ontem e hoje. Petrópolis: Vozes, 1977.

BROWN, Raymond E. **A Morte do Messias**: comentário das narrativas da paixão nos quatro Evangelhos. São Paulo: Paulinas, v.1, 2011.

CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabrielle e SELVATICI, Mônica. **Jesus de Nazaré**: uma outra história. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

CHEVITARESE, André, DIREITO, Carlos Gustavo Vianna e JUSTI, Daniel Brasil. **Crucificação no Império Romano e a morte de Jesus**: um ensaio. **Revista Eletrônica Trilhas da História**, UFMS, v.12, n.24, 2023. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/18656>. Acesso em: 16 maio 2024.

FERRARO, Benedito. **A Significação Política e Teológica da Morte de Jesus**: a luz do Novo Testamento. Petrópolis-RJ: Vozes, 1977.

MENEGHELLO, Javier Ignacio Celedón. **Teologia e a Imagem de Jesus no Cinema**: um diálogo pendente no Brasil. Pensar, Faje, Belo Horizonte, v.7, n.2, pp.189-202, 2016. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/3647>. Acesso em: 28 abr. 2024.

MIER, Francisco de. **Teología de La Cruz**: trípticos de las riquezas de la pasión. Madrid-ES: San Pablo, 1996.

MOLTMANN, Jürgen. **O Deus Crucificado**: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André-SP: Academia Cristã, 2011.

SESBOUÉ, Bernard. ***Pensar e Viver a Fé no Terceiro Milênio***: convite aos homens e mulheres do nosso tempo. Coimbra, Portugal: Gráfica de Coimbra, 1999.

STOTT, John. ***A Cruz de Cristo***. São Paulo: Vida, 1999.

VADICO, Luis. ***O Campo do Filme Religioso***: cinema, religião e sociedade. JundiaíSP: Paco Editorial, 2015.

VADICO, Luis. ***Jesus Cristo no Cinema***: a importância do espetacular! O Rei dos Reis, Cecil B. DeMille, 1927. São Paulo: A Lápis, 2009.

VIGANÒ, Dario Edoardo. *As Faces de Jesus no Cinema*: histórias da história de Jesus, contemporânea *Figurae Christi*. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v.41, n.2, pp.185-199, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/9752/6683>. Acesso em: 28 abr. 2024.